

# O jovem Camus à luz de Blaise Pascal: grandeza, miséria, tédio, divertimento e a moral dos costumes no ensaio *O Verão em Argel*

**Leandson Vasconcelos Sampaio**

*Universidade Federal do Ceará*

Em seu ensaio intitulado *O Verão em Argel* presente em seu livro de ensaios *Núpcias* (1939), que Albert Camus (1913-1960) escreve em 1936, aos 23 anos, o então jovem escritor franco-argelino, que mais tarde receberia o Prêmio Nobel de Literatura, abre espaço para a reflexão filosófica em sua narratividade carregada de imagens de sua vivência particular a partir da sua forma livre e ziguezagueante, forma esta consagrada pelo francês do século 16 Michel de Montaigne (1533-1592)<sup>1</sup>, que influenciou Camus, assim como Blaise Pascal (1623-1662) e os *moralistes* franceses do século 17<sup>2</sup>. À luz do texto “Pascal e Camus: o pensamento dos limites” e da tese de doutorado “O pensamento dos limites: contingência e engajamento em Albert Camus” de Emanuel Ricardo Germano, observamos esta aproximação entre Albert Camus e Blaise Pascal e notamos que, a bem da verdade, desde os escritos de ju-

---

<sup>1</sup> “O ensaio literário (...) assume a sua distância com os discursos científicos ou teóricos. Conforme ao uso instituído por Montaigne, o ensaio livre funciona essencialmente segundo uma retórica do eu: o enunciador apresenta-se como uma subjetividade ativa que explora a partir do seu vivido e da sua afetividade. O seu pensamento não é dado como constituído, mas como em vias de se fazer e testando as suas possibilidades face ao real. A progressão de um ensaio literário é descontínua e frequentemente tortuosa: a escritura deixa sentir as hesitações, os recursos e os saltos de um pensamento ziguezagueante.” (DENIS, 2002: 93-94.).

<sup>2</sup> Os temas trabalhados neste trabalho encontram-se também em Montaigne e nos *moralistes*, entretanto, optamos por relacioná-los apenas com Blaise Pascal devido aos limites do trabalho.

ventude, Camus escreve com influência dos pensamentos pascalianos, o que Jean-Paul Sartre (1905-1980) identificará em 1943 em seu ensaio *A explicação de O Estrangeiro*: “Camus coloca-se na grande tradição desses moralistas franceses a que Andler chama com razão os precursores de Nietzsche;” (SARTRE, 2005: 88-89), afirmando também que, para ele, Camus é influenciado pelo pessimismo clássico francês, sobretudo, Pascal<sup>3</sup>. Neste horizonte, pretendemos mostrar como a filosofia camusiana presente em seus ensaios desde a juventude está relacionada com os pensamentos pascalianos, com categorias que estão inseridas também em uma certa tradição de pensadores franceses, tanto em sua forma metodológica, quanto em seu conteúdo.

Podemos notar em primeiro lugar que o jovem franco-argelino Albert Camus ao descrever em seu ensaio literário a capital argelina como um lugar “(...) que da ao homem que alimenta seu esplendor e sua miséria a um só tempo. (...)” e que percebe o paradoxo de que “(...) a riqueza sensual que possui qualquer homem sensível desta terra coincida com a mais extrema privação. (...)” (CAMUS, 1979: 27), ele toca nos temas pascalianos da *grandeza* e da *miséria*, tematizando assim paradoxos da condição humana, pois, como diz Pascal em seus *Pensamentos*: (Br.<sup>4</sup> 409). “A grandeza do homem é tão visível que se tira mesmo de sua miséria”. (PASCAL, 1979: 133)<sup>5</sup>. Ou seja, diante da miséria social de seu povo, o jovem Camus enxerga ao mesmo tempo uma grandeza paradoxal e amarga, como continua ao questionar, em

<sup>3</sup> “Na verdade, estes temas não são muito novos, e Camus não os apresentam como tal. Foram enumerados, desde o século XVII, por uma espécie de razão seca, curta e contemplativa, que é tipicamente francesa: constituíram lugares-comuns no pessimismo clássico. Não é Pascal que insiste na ‘infelicidade natural da nossa condição débil mortal e tão miserável que nada nos pode consolar quando pensamos nela de perto’? Não é ele que põe a razão no seu lugar?” (SARTRE, 2005: 88).

<sup>4</sup> O “Br.” indicará aqui que usaremos a numeração da edição de Brunschvicg.

<sup>5</sup> Assim como também no fragmento Br. 416 dos *Pensamentos*: “*Grandeza e Miséria* – Como a miséria se infere da grandeza, e a grandeza da miséria, uns concluíram pela miséria, quanto mais quando por prova tomaram a grandeza e como outros concluíram pela grandeza, com tanto mais força quanto concluíram da própria miséria, tudo o que os primeiros puderam dizer para mostrar a grandeza só serviu de argumento aos segundos para concluir pela miséria, pois somos tanto mais miseráveis quanto de mais algo caímos; e outros, ao contrário. Foram levados uns contra os outros por um círculo sem fim: sendo certo que, à medida que os homens se esclarecem, tanto acham grandeza quanto miséria no homem. Numa palavra, o homem sabe que é miserável. Ele é, pois, miserável, de vez que o é; mas é grande, de vez que o sabe.” (PASCAL, 1979: 135.).

forma de solilóquio, na sequencia do parágrafo: “Não existe verdade alguma que não traga consigo um travo de amargura. Nesse caso, por que espantar-se de que eu seja capaz de amar mais do que nunca a fisionomia desta terra quando estou junto aos seus homens mais pobres? (...)” (CAMUS, 1979: 27). Desse modo, ao tematizar em *O Verão em Argel* o tema da miséria social que assolava o seu povo no Norte da África, Camus descreve dois pontos extremos, a *grandeza* e a *miséria*, o que também nos remete à frase do filósofo e matemático francês do século 17 que Camus usará mais tarde como epígrafe de *Cartas a um amigo alemão* (1943): (Br. 353) “Não mostramos nossa grandeza ficando numa extremidade, mas tocando as duas ao mesmo tempo e enchendo todo o intervalo.” (PASCAL, 1979: 124). Com efeito, podemos notar que na narratividade que ilustra em imagens o cotidiano argelino, ao estar ao lado das pessoas mais pobres, além de denunciar a miséria social de seu povo, Camus identifica uma amarga verdade que toca dois extremos ao mesmo tempo, como na metodologia pascaliana.

Outro tema da antropologia pascaliana que também se refere a extremos, que encontramos no ensaio inserido em *Núpcias*, é o *tédio*, como percebemos no seguinte trecho: “Mas no outro extremo da cidade, o verão já nos oferece, em contraste, suas outras riquezas: refiro-me a seus silêncios e a seu tédio.” (CAMUS, 1979: 30). Sobre o tédio, afirma Pascal em seus *Pensamentos*: (Br. 139) “(...) E mesmo que nos sentíssemos bem protegidos por todos os lados, o tédio, por sua autoridade privada, não deixaria de sair do fundo do coração, onde tem raízes naturais, e de nos encher o espírito com o seu veneno.” (PASCAL, 1979: 73). O tédio, para Pascal, faz parte da nossa condição, e, neste sentido, à luz da monografia de Ana Maria Sampaio Cançado intitulada “A moral do infinitismo: tédio e divertimento na condição humana segundo Blaise Pascal”, no capítulo intitulado “Tédio e Divertimento”, percebemos que, para Pascal, existe uma condição humana *entediante* que também desvela a nossa *miséria*:

No século XVII, *tédio* do ponto de vista pascaliano será entendido como angústia essencial, a impossibilidade de mobilidade, de autocontrole; um adoecimento da alma que é também por sua ordem original, o timoneiro do ser (...). No tédio, a natureza humana não dá acesso ao controle de si, no que Pascal acredita ao

tédio autoridade sobre o ser. Portanto, o tédio e o divertimento são barreiras que obstruem o conhecimento de si, indicando a miséria da condição do homem. Nada como o tédio, atinge o homem tão implacavelmente, por sua condição miserável. (CANÇADO, 2013: 36).

Desse modo, podemos observar que o *tédio* está em contraposição ao *divertimento* na obra pascaliana<sup>6</sup>, de modo que, para ele, faz parte da nossa condição tanto o *tédio* quanto o *divertimento*: (Br. 127) “Condição do homem: inconstância, tédio, inquietação.” (PASCAL, 1979: 70). Pascal utiliza-se também da imagem do soldado ou do lavrador para citar um exemplo da nossa condição de agitação: (Br. 130) “– *Agitação* – Quando um soldado se queixa das penas que teve, ou um lavrador, etc... obriguem-nos a ficar sem fazer nada.” (Ibidem). Assim, podemos notar que, para Pascal, faz parte da nossa natureza a busca pelos movimentos, pela agitação, o contrário da morte: (Br. 129) “Nossa natureza está no movimento; o inteiro repouso é a morte” (Ibidem). Neste horizonte, na antropologia pascaliana, um dos aspectos da *condição humana* é o *tédio* e o esforço para fugir dele com os *divertimentos*, pois o tédio nos é insuportável na medida em que nos lembra do nosso *vazio*: (Br. 131) “ – Tédio – Nada é mais insuportável ao homem do que um repouso total, sem paixões, sem negócios, sem distrações, sem atividade. Sente então seu nada, seu abandono, sua insuficiência, sua dependência, sua impotência e seu vazio. (...)” (Ibidem). Na perspectiva pascaliana, os *divertimentos* são as nossas atividades em geral que nos fazem escapar do *tédio* e se *esquecer* do nosso *vazio*. Diz Pascal: (Br. 137) “Se examinar todas as ocupações particulares, basta incluí-las nos divertimentos.” (PASCAL, 1979: 71). Ou seja, para Pascal, o *divertimento* se inclui nas atividades humanas em geral, que fazem esquecer-nos da nossa *condição miserável* e a nossa *finitude*, pois (Br. 167) “ – As misérias da vida humana criaram tudo isso: como eles viram isso, escolheram o divertimento” (PASCAL, 1979: 79) e como diz em outro fragmento dos *Pensamentos*: (Br. 168) “ – Divertimento – não tendo conseguido curar a morte, a miséria, a ignorância, os homens lembram-se, para ser

<sup>6</sup> Alguns fragmentos que também fazem parte do enlace tédio-divertimento: cf. Br. 132 Br. 135. Br. 136. Br. 139. Br. 140. Br. 141. Br. 142. Br. 143. Br. 145. Br. 146. Br. 148. Br. 153. Br. 164. Br. 165. Br. 166. Br. 167. Br. 168. Br. 170. Br. 171. Br. 174. Br. 180. Br. 181. Br. 183. Br. 355.

felizes, de não pensar nisso tudo.” (Ibidem). Neste horizonte, podemos notar que, para Pascal, o divertimento traz consigo certa *negatividade*<sup>7</sup> e tem uma função de *esquecimento*, pois queremos ser felizes, apesar da *miséria* e da *morte*, mas como não o podemos, não pensamos sobre: (Br. 169) “(...). Não obstante essas misérias, o homem quer ser feliz, e não pode deixar de querer sê-lo. Como fará então? Fora preciso, para tanto, tornar-se imortal, não o podendo, lembrou-se de não pensar no caso”. (Ibidem). Diz também Pascal nos *Pensamentos*: (Br. 166). “ – Divertimento – É mais fácil suportar a morte, quando não se pensa nela, do que pensar na morte sem perigo.” (Ibidem). Nesta perspectiva, como podemos observar, para Pascal, os *divertimentos*, as atividades humanas em geral, nos fazem esquecer-nos da nossa *finitude*, da *morte*, fazendo que a vida seja mais suportável. Com efeito, Blaise Pascal sustenta o paradoxo da *condição humana* que mostra em meio à alegria nossa condição miserável<sup>8</sup> que é esquecida, como afirma Ana Maria Sampaio Cançado:

Para Pascal, *Divertimento* é tudo aquilo que faz com que o homem evite pensar na própria condição miserável, com ilusões da razão. A ideia do *divertimento* estará presente na antropologia pascaliana como um paradoxo; no divertimento o homem não pensa em sua condição verdadeira – miserável e insuficiente, nem pensa na morte, inevitável. Para Pascal, percebendo a própria incapacidade e insuficiência, os homens inventam o meio para não sucumbir ao que lhes é inerente: a miséria, a finitude. Melhor esquecer e esquecer que esqueceu. (CANÇADO, 1979: 39).

<sup>7</sup> “A expressão ‘*divertissement*’, do francês, data do século XVII, tem origem no jargão militar e significa em essência, fazer manobras estratégicas, desviar de inimigos, desviar de obstáculos indesejáveis, divertir-se, alienar-se. O verbo divertir é bastante utilizado no francês e, portanto, terá diversos sentidos para o termo, o que nos ajuda a notar a transformação notada por Pascal na ideia de observar o divertimento, que a princípio aponta o positivo, mas neste autor, encontra sua face também da negatividade”. (CANÇADO, 2013: 44).

<sup>8</sup> (Br. 171) “ – *Miséria* – A única coisa que nos consola das nossas misérias é o divertimento e, no entanto, essa é a maior das nossas misérias. Com efeito, é isso que nos impede principalmente de pensar em nós e que os perde insensivelmente. Sem isso, ficaríamos desgostosos, e esse desgosto nos levaria a procurar um meio mais sólido de sair dele. Mas o divertimento alegra-nos e leva-nos insensivelmente à morte”. (PASCAL, 1979: 80).

Camus não utiliza em *Núpcias* o termo em francês “divertissement”, mas sim “amusements”<sup>9</sup>, entretanto, com o mesmo sentido pascaliano encontramos em *O Verão em Argel* na descrição do cotidiano do povo argelino também esta ideia de que o *divertimento* afasta o *tédio* e leva os homens a esquecerem da morte, quando Camus descreve os cinemas<sup>10</sup>, o *dancing*<sup>11</sup>, os banhos de mar<sup>12</sup>, que servem como refúgio para um povo colonizado em um lugar que segundo Camus “tudo o que diz respeito a morte é considerado ridículo e odioso” (CAMUS, 1979: 34-35). Diz Pascal nos *Pensamentos*: (Br. 146) “(...) Ora, em que pensa o mundo? Apenas em dançar, em tocar alaúde, em cantar, em fazer versos, em jogar argolinhas, etc...” (PASCAL, 1979: 77). Neste sentido, para o filósofo francês do século 17, o divertimento tem a função também de nos desviar, de nos distrair das preocupações para esquecermo-nos da nossa *condição miserável*, como afirma nos seus *Pen-*

<sup>9</sup> Disponível em: <[http://classiques.uqac.ca/classiques/camus\\_albert/noces/camus\\_noces.pdf](http://classiques.uqac.ca/classiques/camus_albert/noces/camus_noces.pdf)> p. 32. Acesso em: 15 de Outubro de 2014. 15:00h.

<sup>10</sup> “Nos cinemas de bairro, em Argel, costuma-se vender, de vez em quando umas pastilhas de menta que trazem, gravado em letras vermelhas, tudo o que é necessário para o nascimento do amor. 1. Perguntas: ‘Quando casarás comigo?’; ‘Me amas?’; 2. Respostas: ‘Loucamente’; ‘Na primavera’. Após ter preparado o terreno, passam-se as tais pastilhas à vizinha do lado, que responde da mesma forma ou, então, limita-se a fazer-se de desentendida. Em Belcourt, tem-se visto casamentos serem decididos assim e se comprometerem vidas inteiras graças a esse simples intercâmbio de confeitos mentolados. Isso descreve bem o povo-criança desta terra”. (CAMUS, 1979: 33).

<sup>11</sup> “(...) Na praia Padovani, o *dancing* está aberto todos os dias. E é nessa imensa caixa retangular com toda a extensão aberta para o Mediterrâneo que a juventude pobre do bairro dança até a noite. Muitas vezes deixo-me ficar ali, à espera de um certo instante singular. Durante o dia, a sala é protegida por pára-ventos feitos de tábuas inclinadas. Quando o sol desaparece, retiram-nas. E, então, a sala se enche de uma luz verde, proveniente do brilho duplo do céu e do mar. Quando se está sentado longe das janelas, vê-se apenas o céu e, como se fossem sombras chinesas, os rostos dos dançarinos vão passando, cada um por seu turno. Algumas vezes, é uma valsa que se está a tocar; (...)”. (CAMUS, 1979: 31-32).

<sup>12</sup> “Em Argel, nunca se diz ‘tomar um banho’, mas ‘dar-se um banho’. Não falemos mais nisso. Em geral, toma-se banho no porto e vai-se repousar sobre as boias. Quando se passa por perto de uma delas, onde já se encontra uma bela garota, costuma-se gritar aos companheiros: ‘Eu não disse que era uma gaivota?’. São demonstrações de alegria saudável que constituem, aliás, o ideal dessa gente jovem, cuja maior parte continua levando a mesma vida durante o inverno. Diariamente, ao meio-dia, vão todos tomar sol, nus, e comem ali mesmo um almoço frugal. Isso não significa que tenham lido as prédicas enfadonhas dos naturalistas, esses protestantes da carne (há uma sistemática do corpo que é tão exasperante quanto a do espírito). Simplesmente ‘sentem-se bem ao sol’. Jamais se encarecerá suficientemente a enorme importância desse hábito para a nossa época. (...)”. (CAMUS, 1979: 28).

*samentos*: (Br. 142) “(...) Bem sei que desviar alguém de suas misérias domésticas, enchendo-lhe todos os pensamentos com a preocupação de dançar bem, é torna-lo feliz. (...)” (PASCAL, 1979: 75). Ou seja, para Pascal, as *distrações* do cotidiano nos fazem esquecer-se da morte para tentarmos sermos felizes: (Br. 183) “ – Corremos sem nos preocupar para o precipício, quando colocamos algo a frente de nós que o impeça de vê-lo.” (PASCAL, 1979: 81). Nesta perspectiva, em *O Verão em Argel*, notamos que a morte traz consigo certa repulsa, que é afastada pelos *divertimentos* do cotidiano que levam a *esquecer da morte* e a *miséria* cotidiana, como percebemos no seguinte trecho:

Há povos nascidos para o orgulho e para a vida. São esses justamente os que alimentam a mais extraordinária vocação para o tédio. A esses povos também o sentimento da morte inspira a maior repulsa. Se excluirmos a alegria dos sentidos, os divertimentos desse povo são idiotas. O clube de bochas, os banquetes entre amigos, o cinema, a preço de três francos a entrada, e as festas comunais tem bastado, desde há muito, para a recreação dos maiores de trinta anos. Os domingos de Argel são dos mais sinistros que existem. (CAMUS, 1979: 34).

Em *O Verão em Argel* o jovem Camus também narra que diante da morte, próximo aos cemitérios, a juventude do bairro árabe de Belcourt ironicamente também se diverte<sup>13</sup>. “Tudo respira o horror de morrer, numa terra que convida à vida. No entanto, é justamente à sombra dos muros desse cemitério que a rapaziada de Belcourt marca seus encontros e que as moças se oferecem a beijos e carícias”. (CAMUS, 1979: 36). O cemitério, que traz a imagem da *morte* na narrativa camusiana, em Argel traz a imagem também do *divertimento*. No ensaio, vida e morte se entrelaçam em imagens do cotidiano do divertimento dos argelinos em meio ao cemitério<sup>14</sup> e ironicamente o que seria tratado como trá-

<sup>13</sup> Sobre juventude e o divertimento, comenta Pascal nos *Pensamentos*: (Br. 164) “ – Quem não vê a vaidade do mundo é bem vão em si mesmo. Mas, também, quem não a vê, exceto os jovens que estão todos no mesmo barulho, no divertimento e no pensamento do futuro? Mas tirai o seu divertimento e os vereis consumir-se de desgosto; sentem então o seu nada, sem conhece-lo; com efeito, é mesmo ser infeliz ficar numa tristeza insuportável logo que se está reduzido a uma autoanálise, sem ter uma diversão para seus males.” (PASCAL, 1979: 79).

<sup>14</sup> “(...) Não conheço lugar tão hediondo quanto o cemitério do bulevar Bru, situado defronte a uma das mais belas paisagens do mundo. Um amontoado de mau gosto, cercado de muros enegrecidos e do qual se desprende a tristeza terrível que paira sobre esse recinto. Tudo



gico, como no caso da morte, é tratado como motivo de brincadeira<sup>15</sup>. Ou seja, à luz de Pascal, percebemos que a narratividade do jovem Camus já demonstra que o *divertimento* é tratado como uma *fuga* da reflexão sobre a morte e a *condição* de *fragilidade*: (Br. 141) “ – Ocupam-se os homens com uma bola ou uma lebre; esse é o prazer, para os reis, inclusive.” (PASCAL, 1979: 75). Neste horizonte, podemos notar que, diferentemente da melancolia que assola os europeus em meio a um mundo gélido, no verão do povo argelino em meio ao cotidiano solar do Norte africano há espaço para que mesmo em meio a miséria haja alegria, cercada de certa ironia paradoxal.

E assim como Pascal escreve também sobre o povo, com as (Br. 313) “Opiniões sadias do povo. (...)” (PASCAL, 1979: 115), Camus também escreve sobre a perspectiva do povo em *O Verão em Argel*, descrevendo os seus costumes cotidianos. O costume, que para Pascal é o que nos acomoda a acreditar no que é justo, quando ele diz que (Br. 294) “(...) o costume faz toda a equidade unicamente por ser admitido. (...)” (PASCAL, 1979: 112), é o que determina a moral de acordo com o lugar em que se vive e se para ele (Br. 294) “(...) quase nada se vê de justo ou de injusto que não mude de qualidade mudando de clima. Três graus de elevação do pólo derrubam a jurisprudência. Um meridiano decide a verdade. (...)”, pode-se dizer que se o povo argelino, segundo Camus, é “(...) uma raça indiferente ao espírito. (...)” (CAMUS, 1979: 36), a sua moral é definida no cotidiano concreto em meio ao calor do verão argelino, que mesmo sem um culto do espírito possuem “(...) sua moral bem definida e caracterizada. (...)” (CAMUS, 1979: 34). Camus

---

passa’, dizem os ex-votos em forma de coração, ‘menos a saudade’. E todos insistem nessa eternidade irrisória que nos fornece, por pouco preço, o coração daqueles que nos amaram. São sempre as mesmas frases e servem para todos os desesperos. Dirigem-se ao morto, falando-lhe na segunda pessoa: ‘Nossa saudade jamais te abandonará’. Engano funesto, através do qual se atribuem um corpo e desejos àquilo que, na melhor das hipóteses, não passa de um líquido negro.”. (CAMUS, 1979: 35).

<sup>15</sup> “(...) A brincadeira favorita dos papa-defuntos argelinos, quando vão com seus carros vazios, é gritar “Quer uma carona, beleza?” às jovens bonitas que se encontram pela estrada. Nada impede que se considere isso como um símbolo, ainda que desagradável. Também pode parecer blasfematório que, ao receber a notícia de um falecimento, se responda, piscando o olho esquerdo: ‘Coitado! Este nunca mais cantará!’. Ou, então, como aquela oranense que jamais amara o marido: ‘Deus me deu, Deus o tomou de volta’. Mas no final das contas, se não compreendo o que a morte possa ter de sagrado, percebo perfeitamente a distância que existe entre o medo e o respeito. (...)”. (CAMUS, 1979: 36).



na narratividade de *O Verão em Argel* cita os exemplos da moral do dia-a-dia deste povo e do seu “código de rua”:

(...) Não se pode “faltar” a própria mãe jamais. Faz-se respeitar a esposa nas ruas. Tem-se cuidado especial com a mulher grávida. Jamais se ataca a dois um adversário, porque isso seria “coisa de covardes”. Quem não observa esses mandamentos elementares, “é porque não é homem” e, assim, fica o assunto arrumado. Isso me parece certo e importante. Estamos ainda numa fase de manter ainda inconscientemente a observância desse “código de rua”, o único imparcial que conheço. (...). (CAMUS, 1979: 34).

Com efeito, diferentemente dos europeus que cultuam o espírito e buscam uma moral racionalista baseada em conceitos demasiado racionalizantes, em sua narratividade sobre o povo argelino, Camus demonstra que apesar disto, existe uma *moral* e uma *conduta* de vida para além da racionalidade, gerada no ceio do cotidiano de um povo que é oprimido pela *miséria* econômica, mas que por outro lado possui a sua *grandeza* também na forma de conduzir-se. Se para Pascal em sua antropologia (Br. 346) “O pensamento faz a grandeza do homem” (PASCAL, 1979: 123), Camus vê que para o povo argelino, a *grandeza*, a bem da verdade, está no culto do *corpo*, de modo que, assim como no método de Pascal em que ele rebaixa o homem a um simples (Br. 347) “caniço pensante” (PASCAL, 1979: 123) e mais fraco da natureza, que basta um simples vapor para mata-lo (Ibidem), mas depois exalta a sua grandeza, pois (Br. 420) “se ele se gaba, rebaixo-o; se ele se rebaixa, gabo-o; contradigo-o sempre até que o compreenda que é um homem incompreensível.” (PASCAL, 1979: 135), Albert Camus, a seu modo, mostra que a *grandeza* e a *dignidade* do rosto argelino estão no *corpo* e na sua busca de viver o presente perenemente e a sua indiferença pelo futuro é que faz também a sua *grandeza*. Em certo sentido, se para Blaise Pascal (Br. 164) “O homem é visivelmente feito para pensar; é toda sua dignidade e todo o seu mérito; e todo o seu dever consiste em pensar corretamente. (...)” (PASCAL, 1979: 76) e “(...) Toda a nossa dignidade consiste, pois, no pensamento. (...) Trabalhem, pois, para bem pensar; eis o princípio da moral” (PASCAL, 1979: 124), para Camus o *mérito* e a *dignidade* do povo argelino não estaria na virtude do desenvolvimento do pensamento, mas nas virtudes do *corpo*. Assim,

se por um lado (Br. 143) “(...) é oco e cheio de baixeza o coração do homem.” (Ibidem), por outro lado há uma virtude que é a virtude do *corpo*, da *sensibilidade*. Em outras palavras, para Camus, a primazia do *corpo* é a virtude que se preza no povo argelino em meio ao sol das praias mediterrâneas, como vemos em *O Verão em Argel*:

Compreendo bem que semelhante povo não possa ser aceito por todos. A inteligência, aqui, não ocupa lugar especial, como na Itália. Esta é uma raça indiferente ao espírito. Tem o culto e a admiração do corpo. Disso derivam sua força, seu cinismo ingênuo e uma vaidade pueril, que lhe vale ser severamente julgada. Em geral, reprova-se a “mentalidade”, isto é, seu modo de ver e de viver. É certo, porém, que certa intensidade de vida não pode existir sem injustiça. Trata-se de um povo sem passado, sem tradição e, no entanto, não destituído de poesia – mas de uma poesia de que eu conheço bem a qualidade dura, carnal, isenta de qualquer espécie de ternura, idêntica à de seu céu, a única, na verdade, que me comove e me reintegra em mim mesmo. O contrário de um povo civilizado é um povo criador. Tenho a esperança insensata de que esses bárbaros que se estiram descuidadamente nas praias, talvez estejam, sem saberem, modelando o rosto de uma cultura em que sua grandeza do homem encontrará por fim o seu verdadeiro rosto. (...) (CAMUS, 1979: 36-37).

Desse modo, em *O Verão em Argel*, Camus ressalta a virtude de um povo que vive no presente e não em busca do futuro. A recusa de uma vida que se baseie no futuro e a afirmação do presente também toca no tema pascaliano com relação ao tempo, presente no Fragmento 172 dos seus *Pensamentos*<sup>16</sup>, pois para Pascal a infelicidade é impossível quando se vive em função do passado ou do futuro e esquece-se de viver o presente. Ou seja, para Camus, a virtude do povo argelino está na afirmação do presente, não adiando para uma vida futura, mostrando que em uma relação humana com a natureza pode haver também a felicidade, apesar do trágico da vida que não tem consolo nem es-

<sup>16</sup> “(...) Que cada qual examine os seus pensamentos, e os achará sempre ocupados com o passado e com o futuro. Quase não pensamos no presente; e, quando pensamos, é apenas para tomar-lhe a luz a fim de iluminar o futuro. O presente não é nunca o nosso fim; o passado e o presente são os nossos meios; só o futuro é o nosso fim. Assim, nunca vivemos, mas esperamos viver, e, dispondo-nos sempre a ser felizes, é inevitável que nunca o sejamos. (PASCAL, 1979: 80).

perança. Neste sentido, a verdade que Camus enxerga na perspectiva do povo argelino está no presente concreto e na sua comunhão com a natureza, apesar da *miséria*, como na continuação do parágrafo:

(...) Este povo inteiro, voltado para o presente, vive sem mitos, sem consolo. Depositou todos os seus bens sobre esta terra, permanecendo desde então sem defesa contra a morte. Os dons da beleza física lhes foram prodigados. E, juntamente com eles, a singular avidez que sempre acompanha esta riqueza sem futuro. (...) Entre este céu e estes rostos para ele voltados, nada existe em que se possam fixar uma mitologia, uma literatura, uma ética ou uma religião, mas tão-somente, pedras, carne, estrelas e estas verdades que a mão consegue tocar. (CAMUS, 1979: 37).

Em resumo, podemos dizer que, a partir da influência do filósofo e geômetra francês Blaise Pascal, assim como de outros *moralistes* franceses, como La Rochefoucauld (1613-1680), La Fontaine (1621-1695), La Bruyère (1645-1696) e de Montaigne, desde os seus primeiros escritos, o jovem andarilho Albert Camus em sua narratividade ensaística fomenta a reflexão sobre a *condição humana* a partir da perspectiva da realidade concreta dos *costumes* cotidianos do mundo aonde vive, desvelando no cotidiano do seu território as relações entre *grandeza*, *miséria*, *tédio* e *divertimento*, revelando uma *moral* no cotidiano de um povo que afirma a vida no presente, apesar da relação próxima com a morte, havendo espaço também para a *felicidade*, na comunhão com o mundo, e, diferentemente de Pascal, fazendo também um elogio à corporalidade e à sensualidade, mostrada através da sensibilidade ensaístico-literária camusiana, buscando o equilíbrio entre a razão e a sensibilidade em seus escritos, passando das imagens para as reflexões, fazendo um contraponto às filosofias racionalizantes a partir de imagens do cotidiano concreto do seu povo, denunciando a sua *miséria*, mas desvelando também a sua *grandeza* em sua reflexão filosófica, que será desenvolvida e aprofundada mais tarde em outros ensaios.

## REFERÊNCIAS

CAMUS, Albert. *Núpcias, O Verão*. Tradução de Vera Queiroz da Costa e Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

\_\_\_\_\_, *Noces*, Disponível em: <[http://classiques.uqac.ca/classiques/camus\\_albert/noces/camus\\_noces.pdf](http://classiques.uqac.ca/classiques/camus_albert/noces/camus_noces.pdf)>. Acesso em: 15 de Outubro de 2014. 15:00h.

CANÇADO, Ana Maria Sampaio. *A moral do infinitismo: tédio e divertimento na condição humana segundo Blaise Pascal* – monografia defendida na Universidade Federal do Ceará (UFC). Fortaleza, 2013.

DENIS, Benoît. *Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre*. São Paulo: EDUSC, 2002.

GERMANO, Emanuel Ricardo. *O pensamento dos limites: contingência e engajamento em Albert Camus*. Tese de Doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de São Paulo (USP), São Paulo. 2008.

\_\_\_\_\_, *Pascal e Camus: o pensamento dos limites*. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/2564549.pdf>>. Acesso em: 15 de Outubro de 2014. 14:00h.

PASCAL, Blaise, *Pensamentos*. Coleção *Os Pensadores* – tradução de Sérgio Milliet, 2ª Ed., São Paulo, Abril Cultural, 1979.

SARTRE, Jean-Paul. *Explicação de O Estrangeiro*. Situações I. São. Paulo: Cosac Naify, 2005.